

SUPER-RATINHO, O HERÓI PÓS-MODERNO DA MÍDIA PÓS-MODERNA

Rosa Nívea Pedroso*

O Programa do Ratinho do Sistema Brasileiro de Televisão produz um discurso destinado às massas (bem neste sentido. Pois esse público não é concebido como Cidadão) tecido e entrelaçado na comunicação sensacionalizada, nas pulsões do inconsciente, na punição dos miseráveis e no eros des(in)vestido de libido.

A representação do povo é cruelmente verdadeira. E sendo cruelmente verdadeira autoriza simbolicamente a construção do Superego Ratinho como a personagem mediática capaz de banir do programa, punir no programa, vigiar pelo programa de televisão os desertados da nação brasileira. A condição de deserção dos participantes do programa é a condição real das populações periféricas ali representadas. Condições essas transformadas em não-riqueza, não-beleza e não-saúde. Pobre, feio e doente constituem as condições de representação. O discurso é constituído por uma linguagem clichê que aponta para a necessária repressão das pulsões de vida-e-morte. O Super-Ratinho é capaz de punir e infringir a Lei. Ele é a Lei. O entrelaçamento lingüístico dos enunciados construídos pelo apresentador Carlos Roberto Massa (O Ratinho? Quem representa quem? Ratinho ou Carlos?) referem-se aos campos semânticos dos significados de morte, violência e perversões.

Morte no sentido de também estar fora da existência das instâncias institucionais dominantes. O não-acesso ao mundo das riquezas. Ao mundo encantado que a publicidade oferece nos intervalos. O não-acesso ao mundo do Outro.

Violência no sentido de manter a sobrevivência das condições culturais reais das populações representadas. Nada se transforma no

* Jornalista. Professora Adjunta do Departamento de Comunicação da FABICO/UFRGS.

universo televisivo do Super-Ratinho. Tudo é clichê. A sobrevivência do universo simbólico representado é reenergizada no extravasamento das emoções represadas dos participantes. Super-Ratinho (Herói Pós-Moderno da Mídia Índice de Audiência) rege a orquestra do circo/arena das neuroses urbanas pós-industrializadas.

Perversões no sentido do eros pervertido, não-eros. A pulsão de sobrevivência erotizada perversamente na exploração dos índices-clichês do comportamento desviante dos participantes.

Eis alguns traços do discurso de um programa de televisão cujo processo de enunciação/inspiração assemelha-se à concepção do filme *O Exterminador do Futuro*. A versão televisiva brasileira apresenta-se radicalmente mais criativa pois figura nas páginas da imprensa como mais perversa que as versões similares na televisão-mãe norte-americana. Eis quando o id torna-se espetáculo real e simbólico, construindo o futuro imaginário do Brasil, século 21.